

Uma nova proposta tipológica na obra de Vilanova Artigas nos anos 1970

Marcio COTRIM *

*Arquiteto (CUML, 2000), Mestre em Teoria e História da Arquitetura (ETSAB-UPC/UFMG, 2003) e
Doutor em Teoria e História da Arquitetura (ETSAB-UPC/UFBA, 2008)

Professor convidado (como bolsista PDJ – CNPq) do PPGAU-UFPB.

Rua Maria Elizabete, n.87, apt.105.
Bairro Cabo Branco, CEP. 58045-180. João Pessoa. PB.
marciocotrim@gmail.com / marcio@vitruvius.com.es

Resumo

Este trabalho aborda as transformações tipológicas associadas à morfologia urbana na obra residencial do arquiteto brasileiro João Batista Vilanova Artigas entre os últimos anos de sua trajetória profissional, 1967 e 1981. Através da análise dos projetos residenciais deste período se destacaram – entre os 36 existentes no arquivo da biblioteca da Universidade de São Paulo – dois projetos não construídos: a Casa Elias Calil Kury (1969), destinada ao Jardim Europa; e a Casa Luis Lucio Izzo (1974), para o bairro do Morumbi, ambos, bairros-jardins localizados no quadrante sudoeste da cidade de São Paulo.

O redesenho, a reconstrução física e digital e a análise formal dos projetos, permitiu identificar uma nova forma de ocupação do lote urbano, ainda que tenham sido propostos para o tipo de parcela e bairro prevalecentes na obra de Vilanova Artigas. Conseqüentemente, identificou-se uma nova proposta tipológica dentro do conjunto da obra do arquiteto que manifestou outra possibilidade de diálogo e de conexão com a cidade preexistente. Nas Casas Elias Calil Kury e Luis Lucio Izzo, Artigas considerou toda a parcela como área de atuação, utilizou-se de brechas da legislação, propôs planos horizontais, desiguais e perfurados que ocuparam praticamente a toda o lote, gerando pavimentos subterrâneos e semi-subterrâneos iluminados por pátios de luz que, finalmente, em seu conjunto recriaram as condições topográficas do lote sem prescindir de sua forma. Sob esta topografia recriada, o arquiteto voltou a propor o volume único definido por um invólucro estrutural.

A vinculação dos projetos analisados ao momento em que se desenvolveram revelou uma operação de dois sentidos – renovar e revigorar –, que reflete a própria transitoriedade do período no Brasil e permite ser entendida como tentativa de resolução dos dilemas que se constituíram nesses anos, ou ainda uma forma de continuidade possível: renovar a arquitetura moderna brasileira, capacitando-a frente a novos problemas e ao mesmo tempo revigorar seus valores mais vitais.

Palavras-Chave: Vilanova Artigas, Anos 1970, Arquitetura Moderna, Casa moderna

Abstract

This paper presents the typological changes associated with urban morphology in residential work of Brazilian architect João Batista Vilanova Artigas between the last years of his career, 1967 and 1981.

Two non-built projects stand out through analysis of the residential projects of this period - among the 36 existing projects in the library of the University of São Paulo: Casa Elias Kury Calil (1969), located at the Jardim Europa area, and the Casa Luis Lucio Izzo (1974) in Morumbi, both “garden-city” neighborhoods located in the southwest area of São Paulo.

Even though these houses were designed in the typical urban plot and residential area of Vilanova Artigas works, the redesign, reconstruction and formal analysis of these two projects allowed us to identify a new form of occupying the plot. We have identified a new kind of design and proposal within the typological range of his work that showed an alternative dialogue and connection with the existing city. In the houses Elias Kury Calil and Luis Lucio Izzo, Artigas worked on the whole plot area, smartly using some breaches in the legislation, and proposed unequal and perforated horizontal surfaces that occupied almost the entire plot, unfolding underground floors and semi-underground courtyards with natural light. This approach has generated a new topography of the plot without compromising its form.

Under this re-created topography, the architect designed the single volume defined by the surrounding structure envelope.

The connection of the two projects analyzed revealed a two-way operation - to renew and reinvigorate - which reflects the very transience of that period in Brazil and allows us to understand them as attempts to solve dilemmas that existed during those years. It is also possible to confirm it as a continuity: to renew the Brazilian modern architecture, enabling it to face new problems and at the same time strengthen its vital values.

Keywords: Vilanova Artigas, 1970s, Modern Architecture, Modern House

1. Introdução¹

A produção arquitetônica brasileira ao longo da década de 1970 foi, sem dúvida, marcada por quatro fatores: os reflexos da crise política deflagrada a partir de 1964 sobre a produção cultural do país; a ampliação e definitiva eclosão dos problemas das grandes aglomerações urbanas brasileiras; os novos dilemas teóricos; e pelos desafios antepostos à prática profissional. Esta conjugação de fatores determinou, a partir da segunda metade da década, a definição dos questionamentos dirigidos à arquitetura moderna brasileira. Esses questionamentos reverberaram numa produção que se diversificou na medida em que se afastou do seu passado e suportou a falta de uma tradição crítica e teórica sob o manto do pluralismo.

Um dos primeiros saldos críticos do pluralismo – marcado ainda pelo fragor da hora – que gradualmente se fez presente a partir do final dos anos 1970 e do início dos 1980, pode ser entrevisto no artigo de Luís Espallargas Gimenez, publicado em 1985 pela revista *Projeto*² sob o título de “Pós-modernismo, arquitetura e tropicália”³. Gimenez, legitimado pela curta, porém significativa distância dos anos 1960 decretou:

O concreto, transformado em fetiche, quando ultrapassa suas qualidades meramente estruturais, fica aparente para servir de emblema de modernidade e funciona como corolário de uma arquitetura que estabeleça uma relação de dependência e causa-efeito com a tecnologia [...] a inevitabilidade da arquitetura não pode ser resultado de uma técnica, que, ademais de chegar tarde, convocada às pressas, é neutra e ilimitada, não informando as decisões do projeto, permitindo aquilo que para a ortodoxia seria o mais abominável: uma arquitetura controlada pela forma. Nossa especialidade: a plástica exuberante.⁴

Em seguida, ele indicou alguns caminhos para o restabelecimento da produção arquitetônica do país:

o pluralismo crítico e produtivo que substitui a história seletiva e a historiografia oficial, propiciando não o abandono, mas a superação cultural do movimento moderno; a retomada da cidade como marco de inspiração de processos projetuais; a história como suporte de uma teoria de projeto (abandonando seu papel culturalista para assumir outro mais instrumental); a fragmentação e difusão de vários sistemas arquitetônicos ligados a um texto coerente e normativo;⁵

¹ Este artigo é parte – modificada – da tese de doutoramento defendida pelo autor em 2008. COTRIM, Marcio. Construir a casa paulista: o discurso e a obra de Vilanova Artigas entre 1967 e 1985. ETSAB-UPC, Barcelona, 2008. Orientadores: Dr. Fernando Alvarez Prozorovich e Dr. Abilio Guerra.

² Tanto a revista *Projeto* quanto a revista *AU* foram importantes meios de comunicação especializados ao longo de toda a década de 1980, funcionando como suporte difusor de novas idéias e do debate arquitetônico divisado já na segunda metade da década de 1970.

³ GIMENEZ, Luís Espallargas. “Pós-modernismo, arquitetura e tropicália”, *Projeto*, n.74, abr. 1985, p.87-93.

⁴ Ibidem.

⁵ Ibidem. p.93.

A indicação elaborada por Gimenez forneceu algumas pistas para se entender parte dos aspectos culturais vigentes no Brasil naquele momento. A idéia de renovação do movimento moderno, via sua superação e não pelo seu abandono, indicava sua suposta capacidade de enfrentar obstáculos sem a necessidade de contorná-los. A cidade, como ponto de partida do projeto, determinava um contexto cultural e umas condicionantes físicas precisas e preexistentes. A história, como fonte instrumentária do fazer arquitetônico, exigia uma historiografia mais imparcial e menos seletiva que autorizasse sua recuperação.

Cinco anos depois, já no início dos anos 1990, a revista *AU* propôs outro saldo considerando toda a década de 1980. Carlos Eduardo Comas, no artigo “Arquitetura Brasileira nos anos 80: um fio de esperança”⁶ reforçou a indicação/constatação feita por Gimenez de uma necessária retomada da cidade como marco de inspiração dos processos projetuais, ou ainda na esteira do raciocínio de Comas: da necessária redefinição de tipologias arquitetônicas associadas a modelos urbanos⁷ preexistentes. Comas atentou ao fato de que, em consequência da década de 1970, durante os anos 1980

voltaram a se reapreciar as virtudes daquele esquema mais antigo de cidade que se poderia chamar Figurativo, pela precisão morfológica e pela polivalência funcional que caracterizou seus componentes.⁸

Comas indicou que na década de 1980 eclodiu o enfrentamento entre estes dois esquemas: *a cidade funcional* e os *tipos* a ela associados; e a *cidade real*⁹, no caso brasileiro consequência da problemática das grandes aglomerações urbanas. Segundo Comas, a situação exigia uma arquitetura que deveria apoiar-se numa necessária

Modificação e recriação [...] atenta às peculiaridades de uma geografia múltipla e uma cultura complexa, [...] pautada pelo uso imaginativo de recursos escassos.¹⁰

Os argumentos elaborados por Carlos Eduardo Comas e Luis Espallargas Gimenez foram oriundos do caso concreto das cidades brasileiras; entretanto, foram reflexos de um questionamento mais amplo. As possibilidades entrevistadas nos termos *cidade funcional e cidade preexistente* estiveram presentes na cultura arquitetônica internacional desde o final dos anos 1940. Um esforço de reconstruir uma possível linha de discussão pode partir da tentativa de ajuste elaborada por Sert, Rogers e Tyrwhitt¹¹, desdobrada no final dos anos 1950 e início dos 1960 pelo revisionismo do grupo Team X e estendido, num âmbito bem menos favorável, a partir da segunda metade da década

6COMAS, Carlos Eduardo. “Arquitetura Brasileira nos anos 80: um fio de esperança”, *AU*, fev./mar. 1990, p.91-97.

7 Ibidem. p.91.

8 Ibidem.

9 Comas propõe o termo cidade figurativa.

10 COMAS. Op. cit. p.91.

11 TYRWHITT, J; SERT, J.L.; ROGERS, E.N. (Eds). *The Heart of the city : towards the humanisation of urban life*. CIAM (8è : 1951 : Hoddesdon). Liechtenstein : Kraus Reprint, 1979.

de 1960, por meio de diversas vertentes. Esses questionamentos refletiram também na historiografia da arquitetura produzida a partir da segunda metade da década de 1970¹².

Essa possível linha de discussão, estendida na segunda metade do século XX contrapõe-se a uma história oficial da arquitetura moderna – vinculada à idéia de uma crise irrevogável, deflagrada a partir do final dos anos 1960 – e serve para tentar compreender, numa esfera teórica mais ampla, a vigência ainda no período entre guerras do enfrentamento entre a *cidade funcional* e a *cidade preexistente*. Esse enfrentamento foi sugerido por Comas no âmbito brasileiro a partir da problemática real de nossas cidades, tendo como exemplo a experiência de Brasília, legitimada pelo distanciamento temporal de 30 anos¹³. De fato, no final dos anos 1970 e ao longo de toda a década de 1980, a *cidade real*¹⁴ tornou-se um tema necessário no âmbito arquitetônico brasileiro e exigiu – independente da filiação estilística de cada arquiteto – um posicionamento claro diante dos problemas urbanos deflagrados no país e dos modelos de cidade e *tipos* arquitetônicos que se associavam (fig. 1).

12 Nos referimos aqui a ênfase dada ao enfrentamento a partir dos anos de 1970 entre a cidade moderna e a cidade preexistente nos livros de história da arquitetura. Podemos citar como exemplos mais expressivos por sua abrangência: FRAMPTON, Modern Architecture: A Critical History, 1980 (capítulo 4, “Lugar, produção e cenografia: prática e teoria internacionais a partir de 1962”); ZEVI, Bruno. Storia dell’architettura moderna, 1980 (capítulo XII, “A dimensão urbana”); BENEVOLO, Leonardo. Storia dell’architettura moderna, 1974 (Capítulos XXII, “A mudança dos anos 70”; XXIII, “A época da incerteza”; XXIV, “A saída da modernidade”). É sintomático que dos autores acima citados dois fossem italianos, assim como Aldo Rossi, citado no texto principal, relevando a importância da cidade preexistente na Itália. Não obstante, Benevolo, no capítulo XXIII, “A época da incerteza”, abordou o tema por outro viés, mais próximo à realidade brasileira, o dos problemas das grandes aglomerações urbanas nas cidades latino-americanas, asiáticas e africanas.

13 O Artigo de Comas data de 1990, 30 anos depois da inauguração de Brasília.

14 No caso específico das cidades brasileiras propomos o uso de cidade real, ao contrário de cidade preexistente, considerando a pouca idade dessas cidades quando compradas às européias. No Brasil o foco de preocupação e interesse era com relação aos problemas urbanos deflagrados pela imigração interna, pelo alto índice de natalidade e pobreza, pelo problema do transporte público e da poluição, que definem essa cidade malbaratada como suporte da arquitetura.

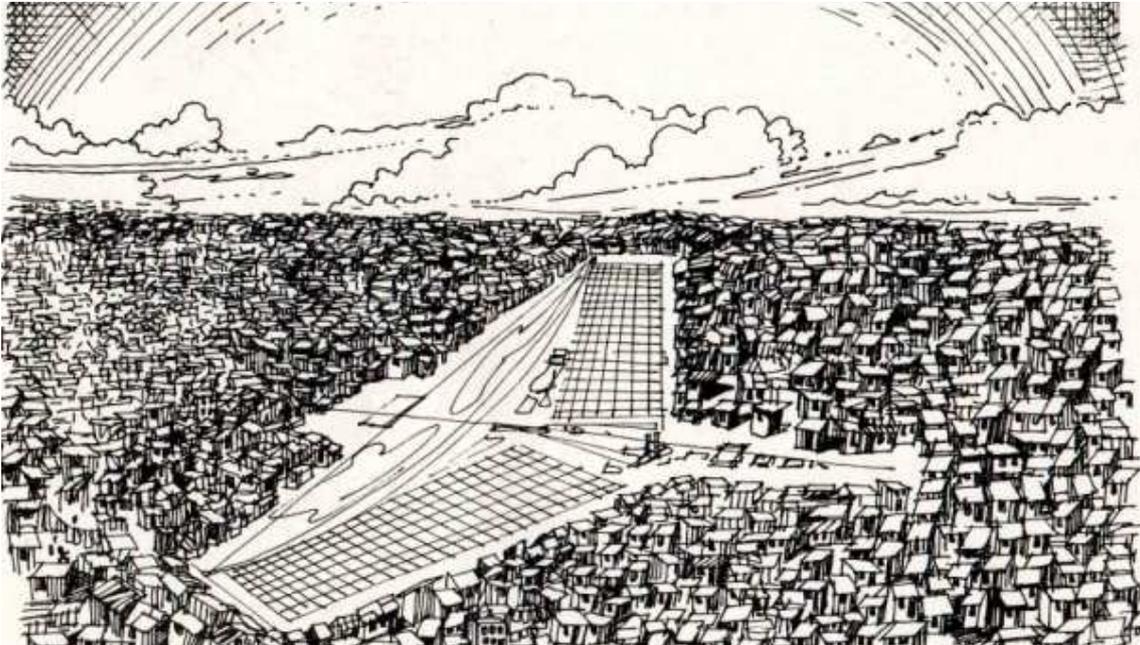


Fig. 1: Charge de Brasília. Autor não identificado. (Revista *Projeto* n.129, jan/fev, 1990, p.04.)

Este trabalho aborda as transformações tipológicas, associadas à morfologia urbana, na obra residencial de Vilanova Artigas desenvolvida entre os últimos anos de sua trajetória profissional, 1967 e 1981. Essas transformações – nas quais parecem estar plasmados aspectos presentes na discussão sumariamente comentada –, se manifestam de forma contundente em dois projetos que permitem divisar uma nova proposta tipológica dentro do conjunto da obra do arquiteto que manifestou outra possibilidade de diálogo e de conexão com a cidade preexistente.

2. O mesmo tipo de parcela, o mesmo modelo de bairro residencial e outra cidade

Os *bairros-jardins* – no quadrante sudoeste da cidade de São Paulo –, foi onde prevaleceu a arquitetura residencial de Vilanova Artigas ao longo de toda sua trajetória profissional. As características físicas desses bairros – com lotes generosos e topografias acidentada –, a classe social – média e alta – que o elegeu como lugar ideal para se viver, os motivos pelos quais o escolheu e a segregação de classes e funções que prefiguraram foram fundamentais na definição de sua obra, condicionando-a a normativas legais, a hábitos vigentes e a um perfil de cliente específico.

Trata-se de aspectos que puderam esclarecer um procedimento projetual a partir da convivência entre a **adequação** e a **atualização**. Atualização em direção a Arquitetura Moderna e sua adequação diante uma sociedade e a um modelo urbano específicos;

definindo e condicionando a evolução de uma série de mecanismos que se tornaram constantes na obra do arquiteto até os anos 1960, momento em que consolidou estratégias e elementos projetuais que conformaram um *tipo* de arquitetura caracterizada por dispositivos claramente identificáveis e apropriáveis, chegando inclusive, para alguns autores, a estabelecer as bases do que ficou conhecido como *escola de arquitetura paulista*. No caso particular de Vilanova Artigas, poderíamos caracterizá-la pelo uso de rampas que acumulam a função de circulação horizontal e vertical; pátios residuais em consequência das rampas, articulação do programa em meio-níveis, onde o estúdio assumiu um papel fundamental de transição entre as instâncias mais íntimas e as mais coletivas, ou ainda em sua versão idealizada entre público e privado; tudo contido em um único recinto protegido por um envoltório/cobertura estrutural que se apoiava no solo pouco alterado.

O procedimento é gradativamente substituído por outro, onde sobre a adequação, prevaleceu a idéia de **atualização** técnica e formal de modos de habitar presentes na cultura moderna. Nos dois casos o desenho da cidade assumiu um papel relevante, porém essencialmente distinto. No primeiro caso, o projeto foi condicionado aos critérios de adequação a um modelo urbano que se difundiu em parte da cidade, *os bairros-jardins*; no segundo, negou-o como modelo.

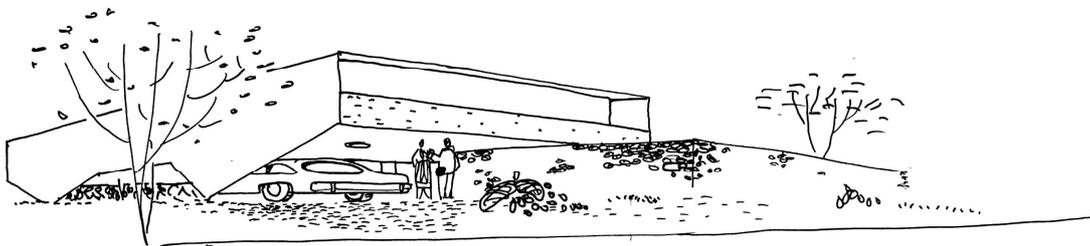


Fig. 2: Perspectiva da Casa Mario Taques Bitencourt, 1959, bairro de Súmeré, S. Paulo. V. Artigas. (arquivo FAU-USP)

Foi principalmente a partir dos anos 1950 que essa segunda possibilidade transpareceu de forma mais evidente em sua obra residencial. Artigas, ao definir uma lógica de ocupação dos lotes previamente imposta e idealizada, onde o edifício era isolado na parcela, supostamente possibilitando a conexão entre o solo privado e o público (fig. 2), reivindicou outra cidade também idealizada e distinta da existente (fig. 3). Ao reproduzirmos, num esforço interpretativo, a segunda casa construída para a família Taques Bittencourt, alterando alguns de seus aspectos, supostamente se aproximaria da proposta de cidade idealizada por Artigas. Segundo ele:

Na década de 50 [...] Para mim, elas [as casas] deveriam ser pensadas enquanto objeto com quatro fachadas, mais ou menos iguais, ajustando-se à paisagem como uma unidade. Assim, tanto a garagem quanto o quarto de empregados e lavanderia estavam incluídos na unidade.¹⁵

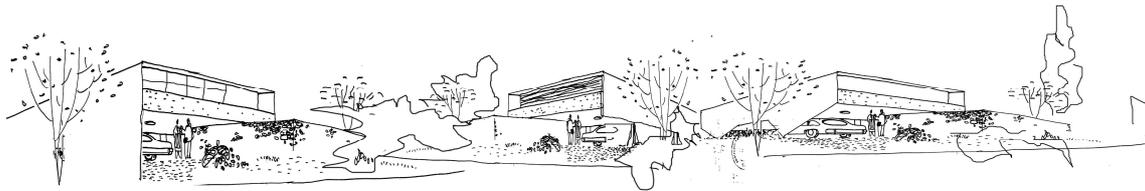


Fig. 3: Montagem do autor a partir da perspectiva desenhada por Artigas da Casa Mario Taques Bitencourt de 1959 (arquivo FAU-USP)

A imagem evocada por Artigas sugere a exclusão da parcela como componente desta cidade, ou pelo menos desde a idéia de lote urbano reticulado, que se desenvolveu ao longo do século XIX. A descrição do que deveria ser a cidade ideal de Artigas sugere o retorno ao ideal de modelo *garden-city*. Na continuação ele explicou: *e cada uma dessas casas, com suas características próprias, formaria um conjunto de unidades, resultando um bairro ou cidade mais equilibrada*¹⁶

A pesar do uso contínuo do volume único isolado na parcela nas casas elaboradas por Artigas entre 1967 e 1981, evidenciou-se um número expressivo de projetos, intrinsecamente conectados ao desenho do lote urbano, que não foram condicionados somente pela legislação vigente que determinou uma porcentagem de ocupação e uma superfície edificante, mas também por proporções e relações mais abstratas e orientadoras da forma final do edifício. Como exemplos, podemos destacar, ao menos, duas casas deste período a casa Antonio Salim Curitati (fig. 4) e a Jorge Edney Atalla (fig. 5).

15 ARTIGAS, Vilanova. Entrevista concedida a Lúcia Álvares. In: Revista A Construção, n.1910, set. 1984, p.14-22.

16 Ibidem.

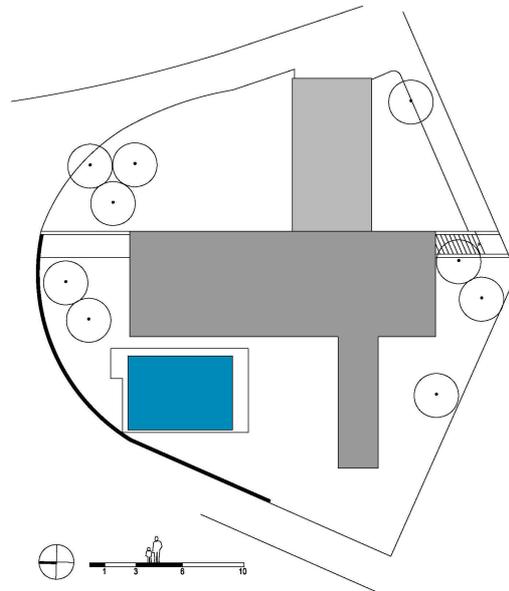


Fig. 4: Implantação esquemática da Casa Antonio Salim Curitati, São Paulo, 1978. V. Artigas (desenho: Marcio Cotrim, Liliane Lemos e Alexandre Amorim)

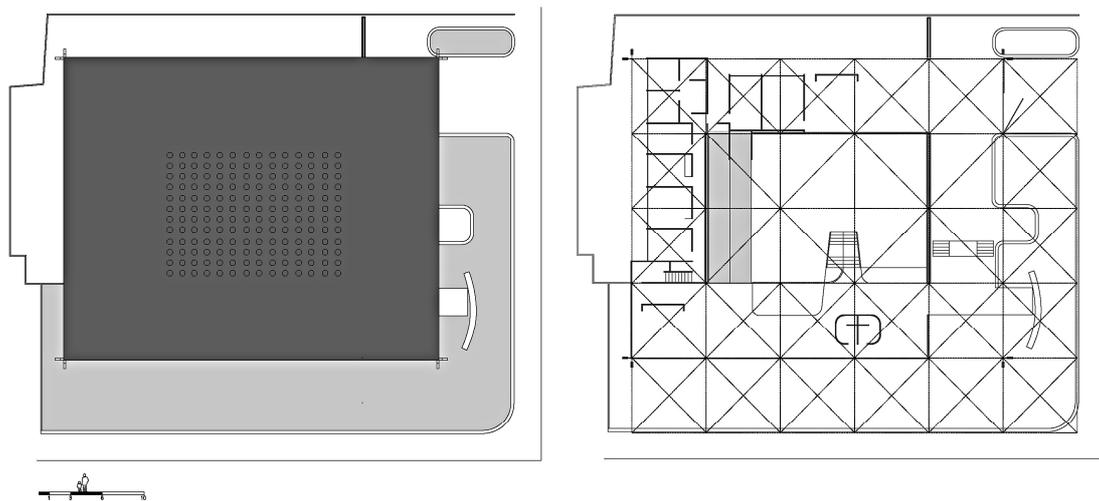


Fig. 5: Implantação esquemática e relação modular entre edifício e terreno, Casa Jorge Edney Atalla, Jaú, 1971. V. Artigas (Desenho: Marcio Cotrim, Liliane Lemos e Alexandre Amorim)

No entanto, entre os projetos do período, se destacaram outros dois que não foram construídos e que, em seu bojo, prefiguraram uma nova forma de ocupação do lote urbano, ainda que tenham sido propostos para o tipo de parcela e bairro prevalentes no conjunto da obra do arquiteto. Como consequência, é possível identificar uma nova proposta tipológica que manifestou outra possibilidade de diálogo e de conexão com a cidade.

Na Casa Elias Calil Kury, 1969, Jardim Europa, S.P (fig. 6) e na Luis Lucio Izzo, 1974, Morumbi (fig. 7), Artigas considerou toda a parcela como área de atuação, utilizou-se de brechas da legislação, propôs planos horizontais, desiguais e perfurados que ocuparam praticamente a toda o lote, gerando pavimentos subterrâneos e semi-subterrâneos iluminados por pátios de luz que, finalmente, em seu conjunto recriaram as condições topográficas do lote sem prescindir de sua forma. Sob esta topografia recriada, Artigas voltou a propor o volume único definido por um invólucro estrutural.

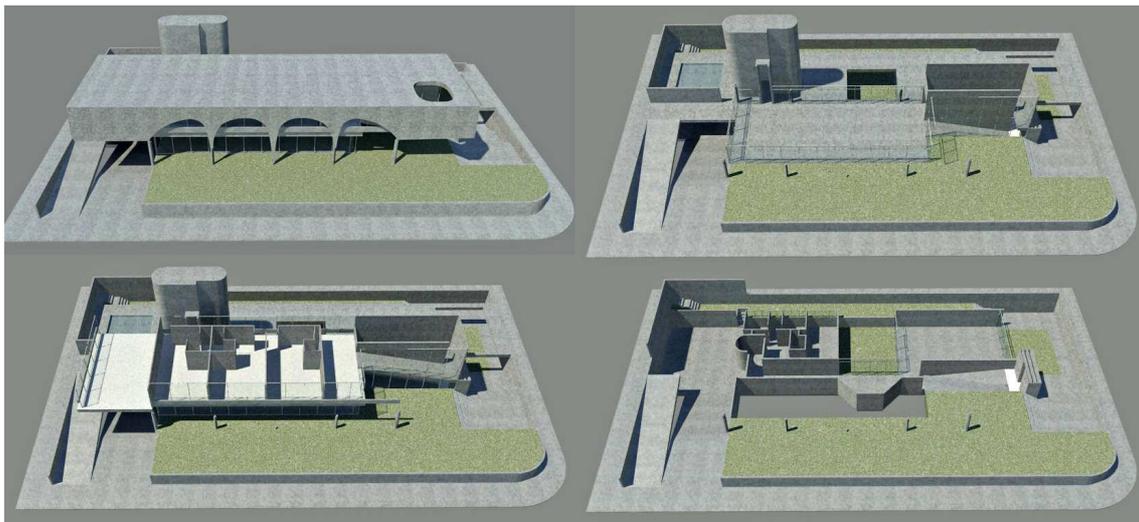
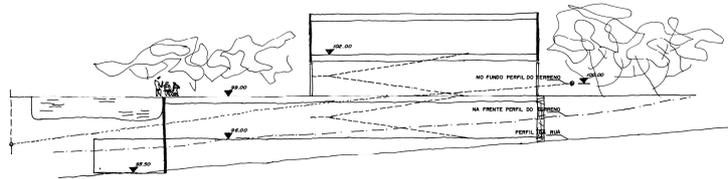
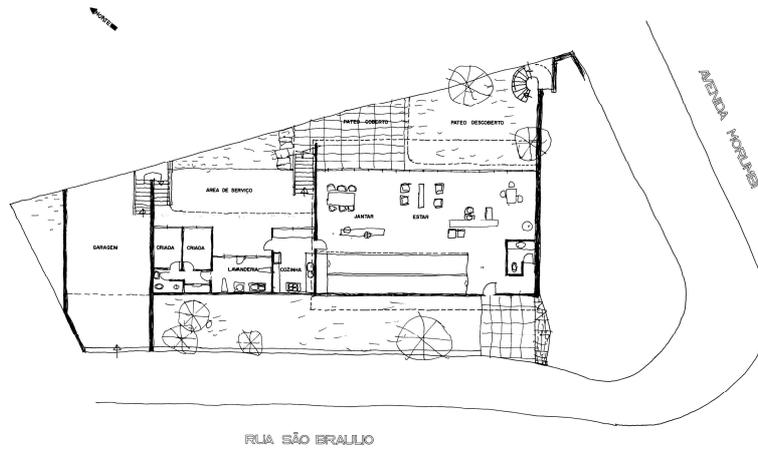


Fig. 6: Diferentes plataformas da Casa Elias Calil Kury, Jardim Europa, 1969. V. Artigas. (modelo eletrônico: Aline Carolino, Gabriela Sofia, Ítalo Fernandes, Mirela Coelho. Professor Responsável: Marcio Cotrim)

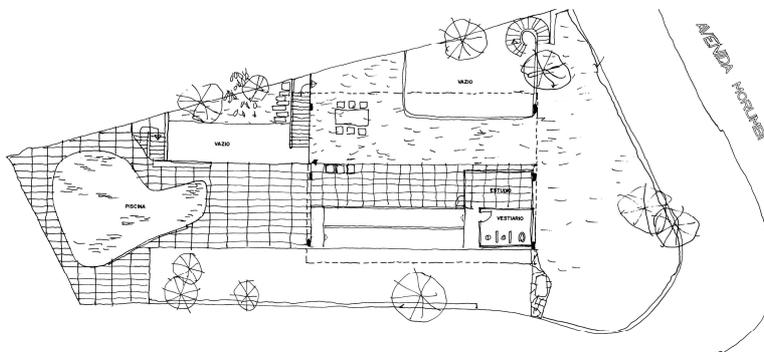
A gênese da forma de articulação espacial manifestada nestas casas pode ser encontrada em inúmeros outros projetos anteriores do arquiteto através do diálogo entre os espaços exteriores e interiores por meio da delimitação imposta pela cobertura única e contínua. Contudo, nas casas Elias Calil Kury e Luis Lucio Izzo, a lógica implícita nesta estratégia foi levada aos seus extremos pela utilização praticamente total do lote como área/objeto manejável, restringindo ao próprio lote o diálogo entre interior e exterior. (fig. 8, 9, 10, 11)



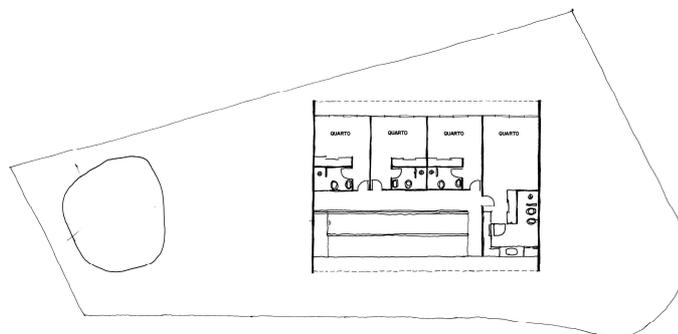
CORTE ESQUEMÁTICO



PLANTA DE ACESSO
RUA S. BRAULIO



PLANTA 1º PAVIMENTO



PLANTA 2º PAVIMENTO

Fig. 7: Casa Luis Lucio Izzo, 1974, Morumbi, S. Paulo. V. Artigas (Arquivo FAU-USP)

A compreensão do lote urbano como *objeto manuseável* implica na sua aceitação da cidade como preexistência condicionante, afastando-se, portanto, de um modo de operar que marcou a arquitetura moderna brasileira: “a peculiar relação com o território, aonde a suspensão da edificação torna difícil o estabelecimento de uma rígida separação entre interior e exterior”¹⁷. Essa relação está presente desde os esquemas propostos para o edifício do MES em 1936, que em sua essência exigiam uma nova cidade como suporte dessa arquitetura.



Fig. 8: Casa Elias Calil Cury, Jardim Europa, 1969. V. Artigas. (modelo eletrônico: Aline Carolino, Gabriela Sofia, Ítalo Fernandes, Mirela Coelho. Professor Responsável: Marcio Cotrim)

17 GUERRA, Abílio; RIBEIRO, Alessandro Castroviejo. “Casas brasileiras do século XX”. *Arquitextos*, n.074.01, Portal Vitruvius. <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq074/arq074_01.asp>.



Fig. 9: Casa Elias Calil Cury, Jardim Europa, 1969. V. Artigas. (modelo eletrônico:
Aline Carolino, Gabriela Sofia, Ítalo Fernandes, Mirela Coelho. Professor Responsável:
Marcio Cotrim)



Fig. 10: Casa Luis Lucio Izzo, 1974, Morumbi, S. Paulo. V. Artigas (Modelo físico:
Milena Braga, Juliane Gasparin, Tamille Renelly, Thaise Lourdes. Professor
Responsável: Marcio Cotrim)

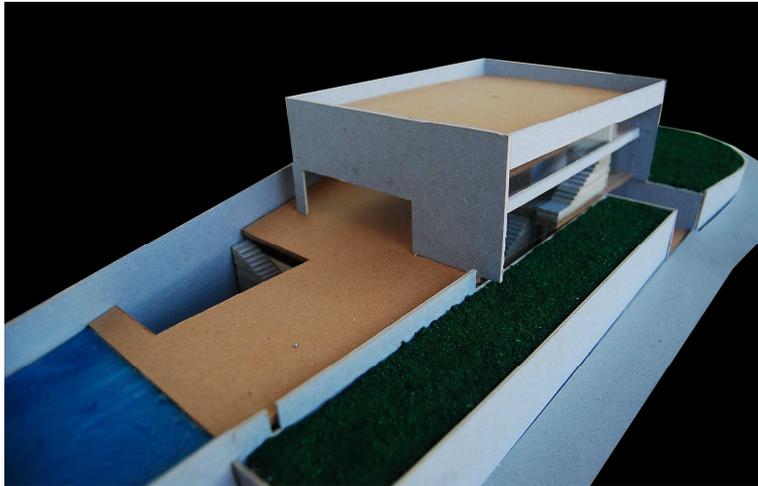


Fig. 11: Casa Luis Lucio Izzo, 1974, Morumbi, S. Paulo. V. Artigas (Modelo físico: Milena Braga, Juliane Gasparin, Tamille Renelly, Thaise Lourdes. Professor Responsável: Marcio Cotrim)

Em seu conjunto, os dois projetos se distanciam da arquitetura residencial de Artigas produzida durante os anos 1950. É sintomático que a forma de ocupação das parcelas identificada nestas duas casas tenha levado a outras propostas de organização e distribuição do programa, nas quais se restringiu a importância dos elementos que antes – ao longo dos anos 1950 – regulavam o conjunto: rampas, estúdio, pátios e a cobertura/estrutura. Nestes dois projetos as rampas não assumem função de circulação horizontal, como acontecia, por exemplo, na Casa Mario Taques Bittencourt (1959); os pátios deixam de ser resultado de uma tipologia previamente imposta – como na casa Leo Nogueira (1959) – e passam a ter sua forma definida em parte pela parcela e pela necessidade de iluminar áreas semi-enterradas; enquanto o estúdio perde definitivamente sua função transitória entre âmbito íntimo e social do programa. Até mesmo a suposta conexão entre até mesmo porque a conexão entre a casa e a malha urbana é interrompida pelas plataformas que respaldam a cobertura do projeto.

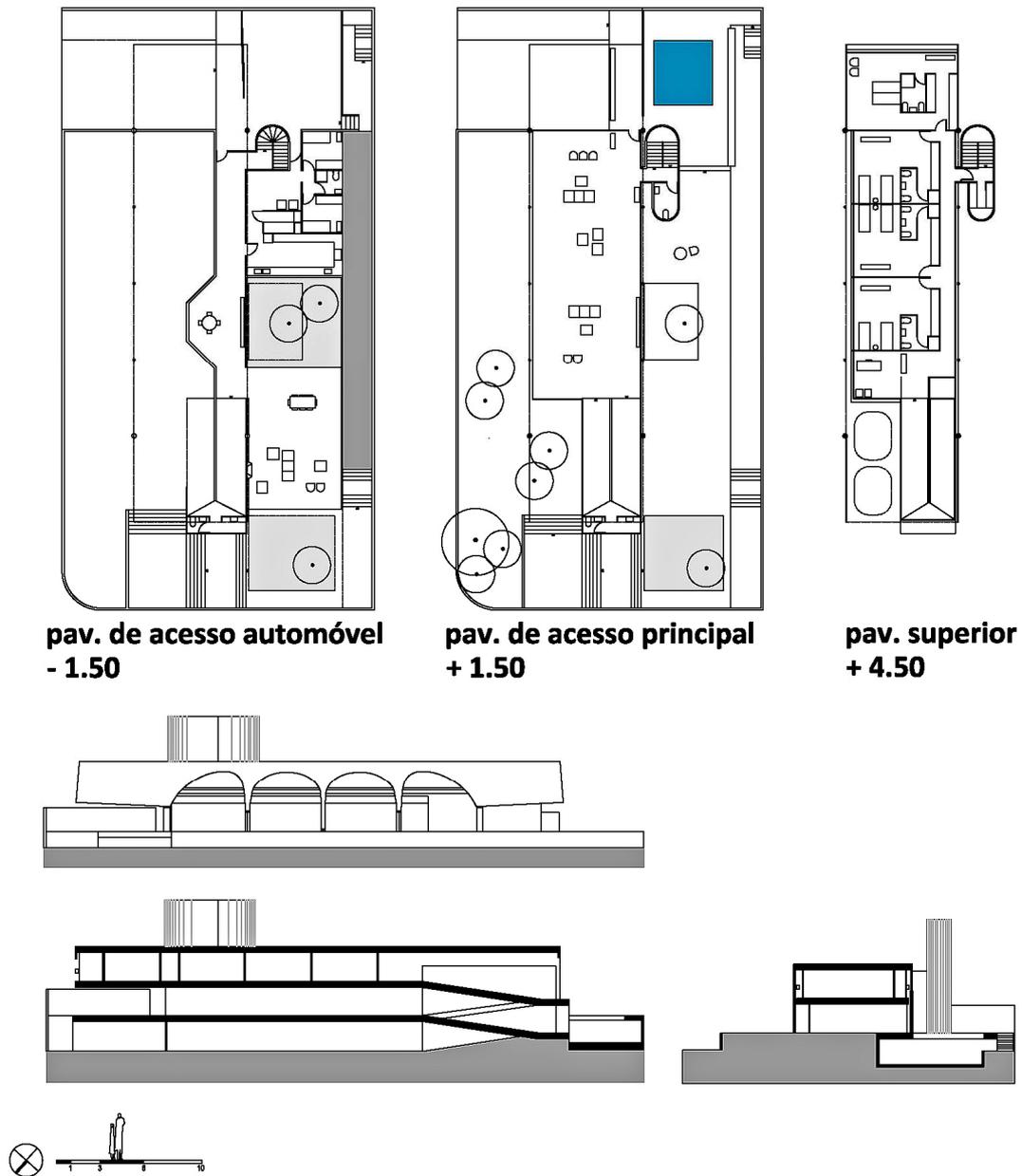


Fig. 12: Plantas, fachada e corte. Casa Elias Calil Cury, Jardim Europa, 1969. V. Artigas. (Redesenho: Marcio Cotrim, Liliane Lemos e Alexandre Amorim)

A análise e compreensão dessas duas casas as aproximam de outros projetos contemporâneos de maior escala e importância: a Rodoviária de Jaú, no interior do Estado de São Paulo; e os croquis para os edifícios propostos na reurbanização do Vale do Anhangabaú (fig. 13). Nos dois casos as suas funções vão além das delimitadas pelo programa, fazendo com que assumam não só uma escala urbana, como também funções urbanas de acessibilidade e mobilidade, possibilitando a transposição de cotas distintas da cidade e facilitando a circulação de carros e pedestres.

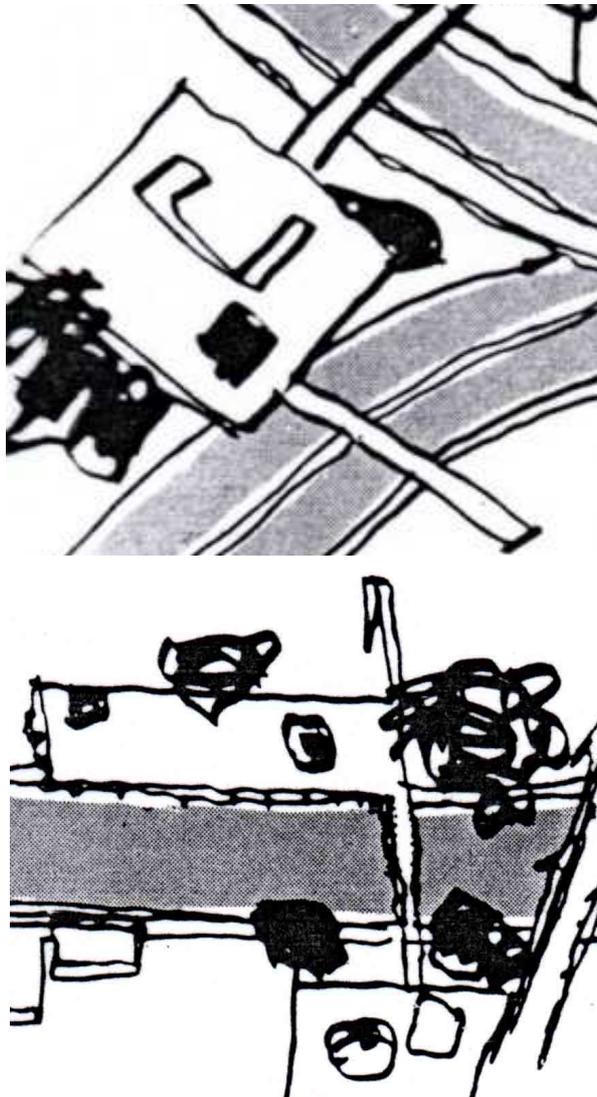


Fig. 13: Detalhe dos croquis dos edifícios propostos para o Vale do Anhangabaú. V. Artigas, 1974 (revista A Construção São Paulo, n.1376, jun. 1974, p.22-24)

A Rodoviária de Jaú e os edifícios entrevistados nos croquis do Vale do Anhangabaú, salvo suas proporções, abrangências e meio-físicos, podem também ser vinculados a propostas contemporâneas mais distantes, derivadas da discussão internacional gerada a partir da década de 1950 com respeito ao espaço público e à forma de se intervir nas cidades. Como exemplo, pode-se citar os desenhos elaborados para o plano *Pampus* de ampliação de Amsterdam em 1965 (fig. 14), dos arquitetos holandeses Bakema e Van den Broek, reveladores de uma sobreposição de funções em uma mesma área e principalmente da extrapolação de seus usos através de conexões de caráter urbano¹⁸, manifestadas por pontes, passarelas, espaços públicos, passagens subterrâneas etc.

O vínculo estabelecido entre as casas Elias Calil Kury e Luis Lucio Izzo e os lotes para os quais foram projetadas possibilitaram a identificação de uma proposta tipológica que se mostrou mais conectada à realidade do ambiente urbano, reforçando ao que foi sugerido anteriormente como a renovação dos valores vitais da arquitetura moderna brasileira: uma forma de continuidade possível que exigiu o enfrentamento dos novos problemas.

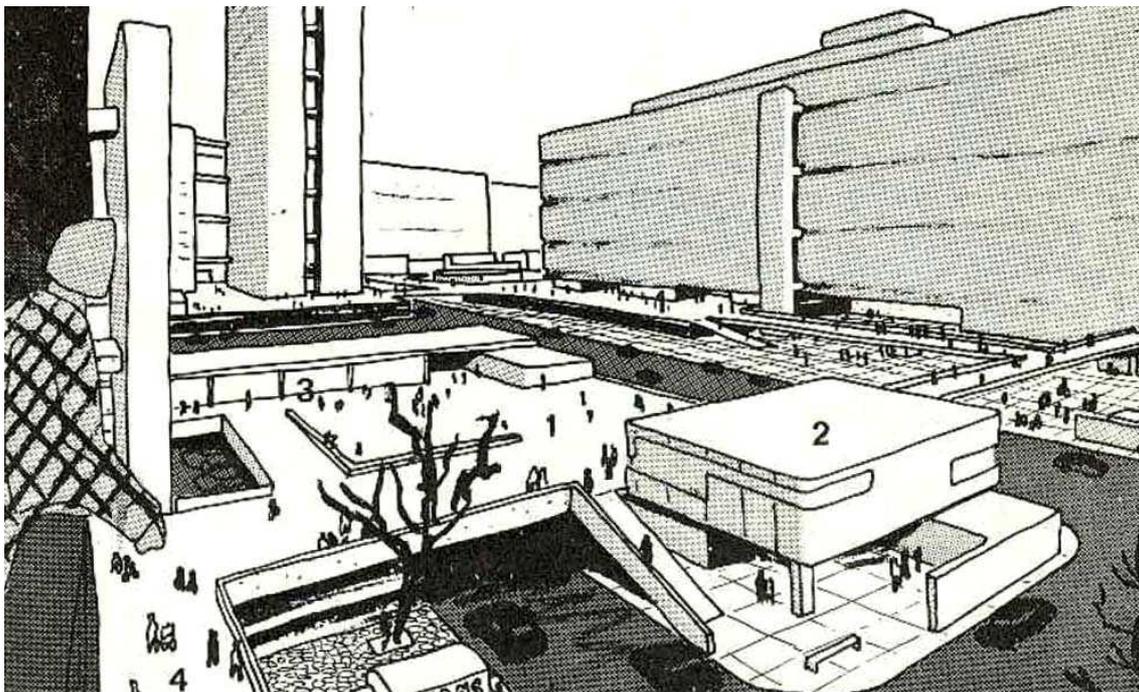


Fig. 14: Desenho de parte do Plano Pampus de ampliação de Amsterdam, 1965, Bakema e Van den Broek. (BENEVOLO, Leonardo. *Progettazione della città moderna*. Roma: Gius. Laterza & Figli Spa, 1977)

18 Segundo Benevolo, com respeito ao plano Pampus, “a coerência do método permite definir, até uma escala paisagística”. BENEVOLO, Leonardo. *Progettazione della città moderna*. Roma: Gius. Laterza & Figli Spa, 1977, p.106.

3. Referências bibliográficas

ARTIGAS, Vilanova. Entrevista concedida a Lídia Álvares. In: Revista *A Construção*, n.1910, set. 1984, p.14-22.

BENEVOLO, Leonardo. **Progettazione della città moderna**. Roma: Gius. Laterza & Figli Spa, 1977.

COMAS, Carlos Eduardo. “Arquitetura Brasileira nos anos 80: um fio de esperança”. Revista *AU*, fev./mar. 1990, p.91-97.

GIMENEZ, Luís Espallargas. “Pós-modernismo, arquitetura e tropicália”. Revista *Projeto*, n.74, abr. 1985, p.87-93.

GUERRA, Abílio; RIBEIRO, Alessandro Castroviejo. “Casas brasileiras do século XX”. *Arquitextos*, n.074.01, Portal Vitruvius. Disponível em:
<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq074/arq074_01.asp>.
Acesso em: 9 set. 2007.

TYRWHITT, J; SERT, J.L.; ROGERS, E.N. (Eds). **The Heart of the city : towards the humanisation of urban life**. CIAM (8è: 1951: Hoddesdon). Liechtenstein: Kraus Reprint, 1979.